



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

EPISÓDIOS DE LETRAMENTO NAS ESCOLAS DA ROÇA NARRDOS POR PROFESSORAS APOSENTADAS

EDILANGE BORGES DE SOUZA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Resumo: A discussão tecida neste artigo objetiva apresentar por meio das narrativas de professoras aposentadas as práticas pedagógicas e as cenas de letramentos ocorridas na sala de aula das escolas da roça e, na tessitura desse diálogo, buscaremos evidenciar como se deu a formação letrada dessas mulheres e o reflexo desta formação na atuação profissional. As memórias narradas das professoras aposentadas também evidenciam as imagens que elas apresentam de si e da docência experienciadas nas escolas da roça. Desse modo os pressupostos teóricos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste estudo tem a base no método (auto)biográfico com o uso das entrevistas narrativas para coletas de dados, pois estes apontam que as narrativas de si podem desvelar os diversos sentidos com que as professoras constituíram sua identidade profissional e pessoal no exercício da docência. Por fim, as narrativas revelam como essas práticas de letramento desenvolvidas pelas professoras impactavam não somente na sala de aula, mas fora dela. Pois, possuidoras de uma formação letrada pela experiência de vida formação essas professoras com suas práticas pedagógicas contribuíram significativamente no processo de ensino aprendizagem de muitos cidadãos das comunidades rurais. **Palavras-chave: Docência.**

Educação. Letramento. Memória. Abstract: LITERACY OF EPISODES IN SCHOOLS OF ROÇA NARRDOS FOR TEACHERS RETIRED Woven discussion in this paper aims to present by the teachers narratives retired pedagogical practices and literacies scenes that took place in the classroom of the farm schools and, in the fabric of this dialogue, seek to show how was the literate formation of these women and reflection of this training in professional practice. The narrated the retired teachers memories also show the images they present themselves and experienced

teaching in schools of the garden. Thus the theoretical and methodological assumptions used to develop this study is the basis of the method (auto) biographical with the use of narrative interviews for data collection, as these show that the narratives themselves can reveal the many ways that the teachers constituted their professional and personal identity in the teaching profession. Finally, the narratives reveal how these literacy practices developed by teachers not only impacted in the classroom, but outside of it. For possessing a literate training in my life training these teachers with pedagogical practices have contributed significantly in the teaching learning process of many citizens in rural communities. **Keywords:** Teaching. Education. Literacy. Memory.

1. Considerações iniciais

"Ser professora?"

Como ser professora se não estudei para ser professora?

Meu sogro disse: pra ser professora não precisa de estudo basta saber ler e escrever" (Menta). Ser professor é uma tarefa desafiadora, pois o mesmo precisa desvelar e desenhar um espaço representado por uma multiplicidade de movimentos. A profissão docente se configura num espaço híbrido na produção de subjetividades tanto do sujeito formador quanto dos sujeitos formados. A discussão que pretendemos tecer neste espaço de diálogo busca apresentar por meio das narrativas de professoras aposentadas, as cenas de letramentos ocorridas na sala de aula das escolas da roça e na tessitura desse diálogo buscaremos evidenciar como se deu a formação letrada dessas mulheres e o reflexo desta formação na atuação profissional. Podemos perceber, através da epígrafe, acima referenciada para iniciar essa abordagem, que as professoras não eram professoras por formação e sim por amizades, afinidades políticas e até mesmo por uma simples simpatia com alguém da comunidade. Possuindo alguns destes critérios, elas se tornavam professoras com as técnicas e experiências mínimas para exercerem a atividade, e além de ser professora, faziam outras atividades como lavradoras, parteiras, donas de casa dentre outras. Nesse sentido, Rios (2013p. 01) diz que "a profissão do docente movimenta-se a partir de experiências outras que não estão no espaço da escola, mas em uma trajetória de vida-formação que constitui o ser-professor (a)." Consoante às ideias de Rios, essas mulheres eram lavradoras, donas de casa, parteiras entre muitas outras atividades que se configuravam em meio as práticas sociais. Para desenvolver este estudo tomamos como base os pressupostos

teóricos metodológicos da pesquisa e do método (auto)biográfica e uso as entrevistas narrativas como técnica escolhida para a coleta de dados. A pesquisa conta com a colaboração de duas professoras aposentadas uma da Comunidade rural de Quizambu, Menta, Alagoinhas BA e outra da comunidade rural de Sítio Novo, Mar,[1] Ouriçangas BA. Vale salientar que o presente estudo tem sua origem na pesquisa de Iniciação Científica de 2011- 2012, e vem sendo ampliada no espaço da crítica cultural no Programa de Pós-graduação com o projeto de mestrado intitulado: Educação na roça: memórias e histórias de professoras aposentadas. Também, acreditamos ser importante externar a utilização do termo **roça**. Na nossa concepção a roça não é apenas um lugar de labuta, de trabalhos árduos. Esse termo é muito estigmatizado por muitos, até mesmo pelos sujeitos que vivem nestes espaços, pois se sentem-se sujeitos menores em vista dos que habitam nas cidades .” Porém queremos evidenciar que , o termo roça significa lugar de pertencimento, o espaço de configuração de subjetividades. Vale salientar que as discussões tecidas nesse diálogo perpassa sobre as configurações do letramento na docência expereenciada/rememorada por professoras sem formação acadêmica no espaço rural. Esse estudo ganha relevância, à medida que investiga a educação na escola da roça, pois pensar sobre essas questões traz outras implicações que estão relacionadas ao contexto social e cultural, bem como suas formações, suas identidades, seus tempos e espaços de constituição.

1. Professora eu?

Como assim?

A profissão docente na roça, geralmente, se iniciava de forma bastante precária, com as condições mínimas para o exercício das atividades: os saberes exigidos eram os mínimos, como apenas, saber ler, e contar; salientando que o ingresso na profissão se dava essencialmente com uma assinatura de um contrato, uma ficha ou algo semelhante. A seleção era feita por indicação geralmente de algum político. O convívio social com a comunidade era o fator principal para esse ingresso. A professora da roça era aquela senhora que na comunidade possuía habilidades de leitura e escrita, que poderia atender as necessidades da comunidade na formação escolar dos sujeitos que ali pertenciam, como aborda Rios (2013 p 04).

A profissão docente na roça chega de forma bastante precária em que os saberes necessários à docência estavam vinculados apenas ao saber ler, escrever e contar,

habilidades proporcionadas até a antiga quarta série primária. [...] ingresso na profissão na roça foi marcado pela necessidade em atender a demandas locais, caracterizando uma iniciação à docência precoce, com precarização nas diversas condições para o exercício do magistério, a.[...] Para validar a concepção de Rios, as próprias docentes apontam que o papel de professora não cabia para elas, pois elas não possuíam a formação necessária para tal.

Comecei a ser a ser professora aqui assim: tinha uns jovens que queriam aprender alguma coisinha e sabiam que eu sabia passar alguma coisa e me pagavam uma merrequinha para eu dar aulas para eles. Comecei ensinando particular.

Um vereador, passando por aqui, ficava invocado me vendo ensinar os meninos nessa mesma sala aqui.

Em 1964, ele me conquistou para ensinar, mas eu já ensinava particular de 60 a 63.

Quando ele ficava me conquistando, eu dizia: eu não sei ensinar, eu não sou professora formada.

Dai, ele dizia mas que nada d. Mar eu sei que a senhora aqui tem condições de ensinar que os meninos aqui não sabe de nada. Eu encontrei a senhora ensinando particular, ensinando até bem, as quatro operações de conta, pode fazer um ditadozinho, uma cópia... assinar o nome já tá de bom tamanho... eu to gostando muito da maneira da senhora ensinar. Vou arrumar uma escola pra senhora ensinar.

E eu continuei a dizer: eu não quero de jeito nenhum.

Quando é um dia, eu to aqui ele chega pra me levar pra Ouriçangas. Fez os meninos pegar o cavalo e me montar para ir pra Ouriçangas. Cheguei lá dei minha assinatura e passei a ensinar o b-a-bá. (Mar, 78 anos)

Essas e muitas outras professoras iniciavam a carreira do magistério como professora leiga, algumas como Menta voltaram a estudar, pois a profissão e as questões sociais de legitimação da profissão começaram a exigir uma nova identidade a de professora da roça, todavia com formação para exercer a profissão.

[...] mas eu como leiga [...] é problema político, a política [...] até hoje você vê as coisas, e a política tá no meio [...] aí depois de oito anos que eu tava no emprego começou uns problemas com um vereador que era meu compadre, assim que cheguei aqui ganhei tanto afilhado [...] era uma amizade braba, mas ele começou a ciumar de mim por causa da amizade com outro vereador [...] daí começo a dizer: Você tem que sair do emprego porque não é formada(Menta, 71 anos)

Então como podemos perceber, para muitos, ser professor não era algo difícil, bastava saber ler, escrever, ter um reconhecimento na comunidade e assumir uma nova identidade, a identidade de professora. Todavia assumir esse papel era assumir uma demanda de papéis, inclusive de formadora de sujeitos críticos, leitores, agentes ativos de uma sociedade, para isso era preciso ter estratégias para desenvolver as práticas pedagógicas nas classes multisseriadas das escolas da roça. Assim sendo, as memórias das professoras podem evidenciar a formação letrada que eles possuíam e também construíam no percurso formativo dessa forma é significativo apresentar como esta formação refletia no cotidiano da sala de aula.

1. Imagens de uma formação letrada constituída nas salas de aula da roça

•

Pensando no tempo da atuação profissional das professoras aposentadas cujas narrativas tecem essa discussão, vale salientar que as questões sobre letramento ainda estavam por serem fecundadas, pois a temática do letramento ainda é muito jovem no cenário da educação brasileira. As discussões sobre o termo letramento começaram a surgir no Brasil na década de 1980, desse modo, neste espaço de tempo as professoras Mar e Menta beiravam os quase 20 anos de exercício da docência nas salas de aulas. Portanto a partir das narrativas vamos perceber, eventos e práticas efetivas de letramento essencialmente naturais nas atividades pedagógicas desenvolvidas por estas professoras e sobretudo nos discursos estabelecidos por elas. Referente as atividades discursivas Pereira (2013, p.142) enfatiza que:

As atividades discursivas de cada um representam sua maneira particular e coletiva perante o mundo, a concretização de uma experiência de construção histórica, vinculada às formações sociais em atividades de interação verbal. Assim, o sujeito se constitui à medida que se relaciona com os outros. Com base na concepção da autora será possível perceber nas narrativas das professoras suas singularidades, e o modo particular de cada uma de desenvolver suas práticas pedagógicas, para assim

contribuírem socialmente e significativamente na formação intelectual tanto suas quanto dos sujeitos com os quais mantem uma relação ligada, sobretudo pelo ensino aprendizagem. As professoras tinham suas metodologias, criavam, reinventavam mas uma marca elas apresentam: as imagens da discência refletem e contribuem na configuração da docência dessas mulheres que se tornavam professoras com as técnicas e experiências mínimas para exercerem a atividade, Mar afirma: “A maneira que eu ensinava naquele tempo ninguém ensina hoje. A maneira que eu aprendi também ensinei”. A professora Menta também apresenta suas imagens de estudante refletida nas suas práticas pedagógicas:

[...]Eu corrigia os cadernos de um em um[...] um erro e eles copiavam dez vezes o que erravam... meus professores faziam assim e eu fazia com meus alunos[...] tudo que meus professores faziam como eu fazia também com meus alunos[...]

Outra evidência muito presente nas memórias das professoras é que além de serem professoras, faziam outras atividades como lavradoras, parteiras, donas de casa dentre muitas outras principalmente na escola.

Eu aqui era professora era diretora, enfermeira[...]fazia de tudo, eu buscar água no rio, no rio! To cheia de varizes por causa disso [...] não tinha água, não tinha carteira, não tinha luz, limpava a escola, fazia merenda quando aparecia merenda, não tinha banheiro, o rio duas ladeiras enormes pra ir buscar água e eles iam buscar água no rio [...] ah! Foi muito sufoco! (Menta)

Elas evidenciam que não realizavam apenas as atividades de professora destinadas a sala de aula, mas pela falta de outros profissionais ou até mesmo por falta de interesse dos governantes elas ficaram por décadas exercendo várias funções sobretudo, aquelas da vida pessoal como narra a professora Mar.

Na época que eu comecei eu fazia tudo, fazia a merenda, limpava, dia de domingo, eu enchia aquele pote ali, botava na cabeça e levava lá em baixo. Também enchia um porrão velho com a boca arrancada, eu enchia também para quando terminarem de merendar lavar as mãos para não mexerem com a água de beber. Quando secava eu enchia de novo.

A merenda quem fazia era eu fazia naquele fogão ali e levava pra casinha lá em baixo [...] As matriculas eu também que fazia. Veja como eu riscava tudo pra fazer

as matriculas emendava até uma folha na outra.

Veja que trabalho me deu. Emendar página de caderno uma na outra me ocupava danadamente.

Esses são os retratos das escolas da roça apresentados por elas. É nesse cenário desenhado por estas professoras que também ocorriam a formação intelectual/letrada dos sujeitos tanto formadores quanto em formação estrategicamente traçada pelas professoras:

Olhe pra dar aula a tanto menino a maior parte era cantando: dois e um três, dois e dois quatro, os meninos faziam aquelas cantigas e aprendiam. As de diminuir dez menos um nove, dez menos dois oito e por ai ia... eu gostava muito de ensinar cantando os meninos faziam aquelas cantorias bonitas e aprendiam... eita! quando a gente cantava a tabuada era uma cantoria bonita demais. As lições não eram iguais quando cada um lia a sua ficava bonito demais. E hoje em dia que nem se ler mais a tabuada quanto mais estudar. Aliás, hoje ainda tem tabuada?

E a prova real?

Se fizesse conta errada na prova acusava. Multiplicava, diminuía, somava até achar o erro(...) eram contas com parcelas enormes e os meninos daquele tempo faziam. Hoje tá difícil tantas modernidades e os meninos com tantas dificuldades de aprender. (Mar)

Salas superlotadas, multisseriadas, as aulas teriam que ser atrativas a professora nas suas narrativas sempre enfatiza que o tempo que ela ensinava era um hoje é outro. Não tinham essa quantidade de tecnologias para o aluno dividir as atenções, ou seja o centro das atenções e a mediadora era a professora então uma das estratégias adotadas pela professoras era a criação de músicas com os próprios conteúdos. Essas estratégias criadas pela professora para o aluno adquirir habilidades e competências Matemáticas não ficavam só nas "cantorias" como ela fala, elas iam além do simplesmente somar e diminuir ela buscava desenvolver uma matemática para ser aplicada na vida fora da sala de aula:

A tabuada de dividir eu ensinava. Até centavos eu ensinava... o ano solar... a questão de fevereiro ter 28 dias...

E a tabuada de multiplicar maior. Hoje ninguém sabe ela... a tabuada grande. Exemplo uma arroba é 15 quilos se comprar um boi vai pra casa dos 15 isso é tabuada grande e ai se der 30 multiplica por 15 x tanto... hoje é negocio de

computador ninguém está estudando mais não. (Mar)

Percebe-se que a professora trabalha na perspectiva do letramento matemático que segundo os PCNs

O letramento em Matemática é a capacidade individual de identificar e compreender o papel da Matemática no mundo, de fazer julgamentos bem fundamentados e de se envolver com a Matemática de maneira a atender às suas necessidades atuais e futuras como um cidadão construtivo, consciente e reflexivo. (BRASIL, 2000, p.21).

Dessa maneira podemos perceber que a pratica desenvolvida pela professora Mar buscava envolver o aluno com as suas atividades cotidianas, ou seja ela proporcionava uma prática efetiva de letramento, o evento ocorria na sala de aula e a prática se consolidava fora Sousa; Lucena (2007p.05) dela nessa mesma perspectiva evidenciam que:

O letramento, ou seja, a abordagem de práticas sociais nas questões a serem ensinadas aos alunos torna-se uma prática indispensável para o aprendizado. Trazendo essa ideia para o ensino de matemática, entendemos que a prática do letramento resulta em relacionar os conteúdos matemáticos com as atividades sociais da estrutura social do meio onde o aluno está inserido, culminando com uma maior eficiência e eficácia no aprendizado.

Assim, a partir dessa concepção referenciada às práticas da professora, considero significativo trazer as questões acerca do letramento para as discussões no tocante deste estudo. Segundo Pereira (2013, p. 166) "O letramento escolar não oferece uma proposta para uma educação inclusiva para os grupos sociais que não dominam a linguagem institucional. Para esses grupos, a escola é o único espaço de aprendizado e contato com a língua legítima." A autora acredita que a escola e as práticas ocorridas nas suas estruturas não colaboram para a construção de um letramento social e plural. Salutar a essa concepção as professoras sempre evidenciam que a proposta para ser desenvolvida na sala de aula pautava-se apenas em ensinar as crianças a ler, escrever e contar, assinar o nome era suficiente.

Quando ele ficava me conquistando eu Dizia: eu não sei ensinar, eu não sou professora formada.

Dai ele dizia mas que nada d. Mar eu sei que a senhora aqui tem condições de ensinar que os meninos aqui não sabe de nada. Eu encontrei a senhora ensinando particular ensinando até bem, as quatro operações de conta, pode fazer um ditadinho , uma cópia... assinar o nome já tá de bom tamanho[...]

Embora a proposta fosse assinar o nome como habilidade máxima, as práticas que as professoras guardam em suas memórias nos dão pistas para percebermos quantos tantos momentos ocorriam cenas de letramentos ora eventos ora práticas efetivas, e, sobretudo o desejo delas de ir além do apenas ler e escrever mecanicamente. Pereira (2013) ressalta que em todos espaços nos deparamos com cenas de letramento e que estas imbricadas nas memórias e nas experiências narradas projetam “discussões acerca da escrita e da leitura como bens simbólicos que influenciam e determinam espaços que incluem e excluem os sujeitos, dominam e fazem uso dessa práticas culturais.” (PEREIRA, 2013p. 167). Consoante a esta concepção a professora Mar aponta:

*As leituras que eu mandava eles fazer não ficava só na leitura eu pedia para eles me dizerem o que o texto estava dizendo... de um texto sobre alimentos eu perguntava: qual a importância dos alimentos para nossa vida?
(risos) não é uma pergunta boa?*

Eu não queria aquela leitura ta-ta-ta sem pontuação, sem nada... porque desse jeito ele ia saber o que estava lendo?

Ia tá sabendo o que leu ali?

Oxi comigo tinha que estudar, fazer a pontuação, tinha que tá sabendo o que leu.

Eu dizia assim: se vocês receberem um bilhete dizendo que você é safado, que fez isso fez aquilo e ai?

È preciso que vocês entendam o que estão lendo para quando receber um bilhete saber o que ele tá dizendo. Tem que saber o que tá dizendo ali: fulano tá doente, fulano tá morrendo, sicrano vai viajar. Se não entender a leitura aqui na sala de aula vai entender o significado que tem naquele bilhete nem naquela carta?

Não entende?

A professora Mar salienta que as leituras que ela mandava fazer não se resumia só na leitura oral, ela ressalta que levava o aluno a refletir sobre o que leu. Temos uma situação em que, caso a leitura se resumisse apenas na prática oral, ou seja na decodificação do conjunto de palavras organizadas num texto que se classifica como um de tantos eventos de letramento que nos cercam cotidianamente. Desse modo, Street (2013) propõe que se pense o letramento como uma prática social e não apenas como aquisição de habilidades. Ainda segundo o autor as práticas de letramento conferem o real sentido do uso social da escrita. Nessa perspectiva as professoras criavam uma estratégia autônoma, para lançarem mãos dos eventos de letramentos e transformarem estes em uso de práticas sociais. Às práticas de letramento segundo Street (2013, p. 55) “as práticas de letramento, então se referem ao conceito cultural mais amplo de formas particulares de se pensar sobre e realizar a leitura e a escrita em conceitos culturais conceitos”. Dessa maneira ocorriam as práticas de letramento nas salas de aula da roça, os alunos sob o comando das suas professoras desenvolviam as estratégias lançadas por elas, de maneira os eventos de letramento ganhavam consistência e as práticas sociais se legitimavam. Havia reflexão, interpretação e acima de tudo recriação do programado/ ditado/ estabelecido. Sem a formação acadêmica as professoras, se valiam das experiências formadoras que possuíam e se formavam e se aperfeiçoavam para assim não deixar de desenvolver seu papel, e estas estratégias se apresentam na narrativa da professora Mar:

Eu pegando o livro não aprendia a ensinar?

Aprendia sim e muito! Comigo não tinha esse negócio de planejamento não. Meu planejamento eu mesmo fazia. Chegava olhava o que eu ia dar no dia e pronto! Por exemplo o corpo humano eu lia tudo e ensinava.

Os livros me explicavam muita coisa... Naquele tempo não tinha muito isso de planejamento não era um ensinamentozinho que com os livros a gente aprendia também. Eu mesma determinava o que eu ia ensinar fosse Português, Matemática, religião ou outra matéria. Hoje está diferente.

O livro do professor tudo ensina, tem todas as respostas como é que não aprende?

A gente só não podia dar esses livros para os alunos porque ele já tá dizendo livro do mestre.

A professora não tinha uma formação para trabalhar na perspectiva de formar pessoas letradas. O proposto era apenas ensinar o nome, as letras do alfabeto e as quatro operações. Todavia ela estudava buscava, conhecimentos para ir além desses eventos. A formação letrada dessas professoras acontecia de forma natural e causavam efeitos. A experiência formadora das professoras ganham forma e consistência no desenvolver de suas práticas. Nesta perspectiva Josso (2004) ao se referenciar a experiência no tocante da formação destaca: “[...] O que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente, saber fazer e oferece a cada um a oportunidade de uma presença de si e para a situação pela mobilização de uma pluralidade de registros [...]”. (JOSSO, 2004, p.28). Desse modo, mesmo com os sabres mínimos para atuar em sala de aula estas mulheres se tornaram professoras e desempenharam esse papel com êxito em suas comunidades, pois a aprendizagem experiencial e a formação numa integração alicerçada contribuíram significativamente na formação dos cidadãos que na roça residiam.

1. Considerações finais

Diante do exposto podemos perceber que muitas experiências significativas aparecem como praticas letradas nas memórias das professoras. Essas práticas impactavam não somente na sala de aula, mas fora dela. Possuidoras de uma formação letrada pela experiência de vida formação essas professoras contribuíram significativamente no processo de ensino aprendizagem de muitos cidadãos das comunidades rurais. Dessa forma, trazendo esse diálogo para as cenas da educação atual estamos podendo dar visibilidade ao papel que essas mulheres professoras “leigas” desenvolveram em suas comunidades. Papeis estes que foram além da alfabetização, e mais além ainda do apenas assinar o nome. Estas mulheres proporcionaram a dezenas de sujeitos a fazerem uso social da leitura e da escrita garantindo assim as condições dignas e necessárias para saírem do lugar de sujeitos desprovidos de conhecimentos. Desse modo estamos oportunizando o contato com as mais variadas práticas de letramento que deram certo, mesmo sendo uma tarefa difícil e imperativa, mas que foram fundamentais no processo de ensino- formação e aprendizagem de todos que fazem e fizeram parte do contexto educação na roça.

Referências: BRASIL. PISA 2000: relatório nacional. Brasília: MEC, 2001. JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São

Paulo: Cortez, 2004. PEREIRA, Àurea da Silva. **Narrativas de vida de idosos**: memórias, tradição oral e letramento. EDUNEB, Salvador 2013. RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **De lavradora à professora primária**: narrativas, docência e profissionalização no ensino fundamental da/na roça. 36ª Reunião Nacional da ANPED– 29 de setembro a 02 de outubro Goiânia, 2013. Disponível em [http://](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt13_trabalhos_pdfs/gt13_2984_texto.pdf)

36reuniao.anped.org.br

/pdfs_trabalhos_aprovados/gt13_trabalhos_pdfs/gt13_2984_texto.pdf

acesso em: 22/10/2015. PEREIRA, Àurea da Silva, **Narrativas de vida de idosos**: memórias, tradição oral e letramento. EDUNEB, Salvador 2013. STREET, Brian V. **Políticas e práticas de letramento na Inglaterra**: Uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. Cad. Cedes. Campinas, janeiro- abril de 2013 v.33, n 89. P. 51-71 disponível em: < [http://](http://www.cedes.unicamp.br)

www.

cedes.unicamp.br

>

[2] Menta é uma flor que significa memória por seu cheiro ser duradouro e forte, assim para caracterizar a colaboradora por ter uma memória presente, por ser uma mulher forte, dona de autonomia singular escolhi essa metáfora para assim também homenagear a pesquisa cujo objeto de estudo são as memórias. [3] A colaboradora recebe este nome na pesquisa por possuir uma riqueza imensa de vivências presentes nas suas narrativas

[1] Mestranda do programa de pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia Campus II.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: